

## Pisando leve

**Categories :** [Flávia Velloso e João Teixeira da Costa](#)

Os proprietários de veículos 4x4 e daquilo que a indústria automobilística chama de “utilitários esportivos” não são muito queridos entre os ambientalistas. Grande parte do apelo desses veículos está na sensação de liberdade derivada da sua capacidade de ir a qualquer lugar. Quem anda por São Paulo montado em um Land Rover com faróis de longo alcance, tanques extras de combustível, guincho elétrico no pára-choque dianteiro e bagageiro no teto parece estar dizendo que da mesma maneira que vai até o hipermercado fazer as compras do mês poderia estar partindo em uma expedição para a Patagônia.

Há quem diga que a realidade é outra. Essa sensação de liberdade não passaria de uma ilusão manipulada por publicitários e marqueteiros, já que a maior parte desses veículos jamais deixaria as vias pavimentadas. Uma coluna recente do colega Eduardo Pegurier [fala sobre as conseqüências, quase inteiramente negativas](#), da explosão do número desses veículos nos últimos anos: mais consumo de combustível, mais poluição do ar e uma verdadeira corrida armamentista nas ruas, puxada pela sensação de segurança que vem de andar em um carro maior do que os outros.

Mas será que a crítica é justa? Veículos como um [Defender](#), um [Mercedes G](#) ou um [Pinzgauer](#) são ferramentas altamente especializadas, desenhados para chegar em lugares onde os carros de rua não chegam. E dadas as condições das nossas estradas, eles são imprescindíveis para qualquer pessoa interessada em conhecer um pouco mais da nossa paisagem, estabelecer contato com a natureza ou praticar esportes radicais. Mas aqui surge mais uma dúvida: o que garante que essa liberdade de chegar a qualquer lugar será usada de maneira responsável?

Os clubes de jipeiros são um bom lugar para começar a responder a essa pergunta. O Clube do Land Rover, por exemplo, tem no seu site [uma página sobre meio ambiente](#) que defende os princípios da conduta consciente, isto é, aquela que busca deixar o menor impacto possível na natureza. São [princípios simples](#) e de bom senso, mas nem sempre princípios elevados são respeitados na prática.

Uma maneira de chegar mais perto do dia-a-dia dos trilheiros é através das listas de discussão e fóruns on-line, como o [4x4brasil](#) e o fórum do [Clube do Land Rover](#). A maior parte das discussões nesses fóruns é bastante especializada, concentrando-se nos problemas de cada veículo, nas soluções encontradas e na experiência de cada um nas trilhas. Mas de vez em quando o foco se desvia para os chamados *off-topic*, as discussões que fogem ao intuito da lista ou do fórum. Foi assim recentemente no Clube do Land Rover. Rolava uma discussão sobre hospedagens acessíveis somente para veículos *off-road* quando alguém mencionou uma pousada chamada Doladodela (do lado de lá), em Aiuruoca, Minas Gerais, como uma opção interessante. A pousada ficaria dentro do [Parque Estadual Serra do Papagaio](#), criado em 1998 e portanto ainda bastante

novo.

## **Discussão ambiental**

Um dos jipeiros da lista abriu o debate, dizendo que a pousada havia sido interditada pelo Ibama ou algum órgão estadual, e que achava aquilo um absurdo. Outro participante disse apoiar a decisão do Ibama de fechar a pousada, pois ela estaria em local de preservação, operando sem autorização e jogando esgoto sem tratamento no rio que desce a serra. E que o acesso a um dos recantos mais interessantes da região, o Retiro dos Pedros, havia sido fechado por causa da degradação causada por jipeiros inconseqüentes.

Quem veio defender o dono da pousada foi Anderson Cunha, que tem documentadas no seu website [algumas façanhas incríveis](#). Ele esteve por lá e constatou que a pousada tinha fossa séptica, que ela já estava lá antes da criação do parque, e que nas duas vezes que acampou no Retiro não viu degradação séria. Mas Anderson notou que a pousada está acima dos 1.800 metros de altitude, o que é ilegal, e que o proprietário a ampliou depois de 1998.

Outros comentaram que não existe nenhuma fiscalização no parque, e que apesar das proibições os madeireiros e caçadores vão acabar destruindo tudo mesmo. E que a área de preservação já está bastante degradada, sendo usada acima de tudo como pasto. Não se pode dizer que surgiu um consenso na discussão, mas a última palavra ficou com outro “landeiro” que também conhece a região, julga que a pousada está onde não devia, e que é preciso enorme cuidado para não estragar a natureza em cima de um veículo de duas toneladas. E que a única alternativa à proibição é a educação.

Com algumas semanas na lista já deu para perceber que há entre os jipeiros gente bastante consciente e educada, que dá valor à preservação e que conhece de perto o estado de abandono de muitas das nossas unidades de conservação. Mas o triste é que nem todos são assim, e que a tendência das autoridades é simplesmente proibir. Uma alternativa seria regulamentar as atividades dos veículos fora de estrada nas unidades de conservação, deixando algumas trilhas para eles, [como está acontecendo nos Estados Unidos](#). Isso depende, é claro, da existência de planos de manejo, fiscais, e de um certo respeito às coisas públicas.

Na Serra do Papagaio, a [pousada Doladodela](#), que de fato esteve fechada por ação do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais e do Ibama, reabriu. Seu proprietário briga na Justiça, diz que nunca poluiu, e questiona os motivos daqueles que querem fechá-la. Argumenta ainda que o caminho deve ser o do diálogo, procurando estabelecer um modelo de turismo sustentável, que permitisse o uso de trilhas devidamente demarcadas com cobrança pelo privilégio. Já o Ibama da região diz que a pousada está em flagrante violação à lei e que os freqüentes encontros de jipeiros deixaram danos visíveis na área do parque. A briga vai longe.